

A MORTE EM SETOR DE EMERGÊNCIA E SEUS REFLEXOS NA EQUIPE DE SAÚDE: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA*

Carla Argenta¹, Júlia Graciele Feldens¹, Leila Mariza Hildebrandt², Marinês Tambara Leite³, Isabel Cristina Pacheco Vander Sand⁴

RESUMO: A morte em instituições hospitalares é observada com frequência em seus diferentes setores, entre eles o de emergência. Este estudo tem como objetivo analisar artigos publicados em periódicos nacionais, no período de 1985 a 2006, relativos aos reflexos da morte em unidades de emergência vivenciados pela equipe de saúde que trabalha nesse espaço. Trata-se de uma revisão bibliográfica das publicações na área de saúde, disponíveis na Biblioteca Virtual Bireme. Foram localizados dois artigos que se enquadraram aos critérios de inclusão do estudo. A análise dos dados seguiu a proposta de análise temática. Com base nos artigos selecionados, identificou-se que os profissionais atuantes em serviços de emergência descrevem angústia, medo, tristeza e insegurança, como reflexos de situações em que a morte está presente. O confronto da equipe com a morte é considerado desafiador e a rotina deste setor é mencionada como geradora de estresse, refletindo no fazer da equipe.

PALAVRAS-CHAVE: Morte; Equipe de assistência ao paciente; Serviço hospitalar de emergência.

DEATH IN EMERGENCY SERVICES AND ITS CONSEQUENCES FOR THE HEALTH TEAM: A BIBLIOGRAPHIC REVIEW

ABSTRACT: Death in hospitals is frequently observed in its different sectors, among them, the emergency one. This study objectifies to analyze articles published in Brazilian journals, in the period between 1985 and 2006, about the death consequences in emergency services, experienced by health teams that work in these settings. It is a bibliographic review of publications in the health area, available at Bireme Virtual Library. We found two articles that fit the inclusion criteria of the study. Data analysis followed the thematic analysis. Based on the selected articles, we have identified that professionals who are acting in emergency units describe anguish, fear, sadness and unsafety as a result of situations in which death is present. The team's confrontation with death is considered challenging and this routine is mentioned as stressful, which is reflected on the work of the team.

KEYWORDS: Death; Patient care team; Emergency service Hospital.

LA MUERTE EN SECTOR DE EMERGENCIA Y SUS REFLEJOS EN EL EQUIPO DE SALUD: UNA REVISIÓN BIBLIOGRÁFICA

RESUMEN: La muerte en instituciones hospitalares es observada con frecuencia en sus distintos sectores, dentro de ellos, el de emergencia. Este estudio tiene como objetivo analizar los artículos publicados en publicaciones científicas nacionales en el período de 1985 a 2006, relativos a los reflejos de la muerte en unidades de emergencia vividos por el equipo de salud que trabaja en este espacio. Se trata de una revisión bibliográfica de las publicaciones en la área de la salud, disponibles en la Biblioteca Virtual Bireme. Fueron localizados dos artículos que se adecuaron a los criterios de inclusión del estudio. El análisis de los datos llevó en cuenta la propuesta de análisis temático. Con base en los artículos elegidos, se identificó que los profesionales actuantes en servicios de emergencia describen angustia, miedo, tristeza y inseguridad, como reflejos de situaciones en que la muerte esta presente. El confronto del equipo con la muerte es considerado desafiador y la rutina de ese sector es mencionada como generadora de stress, reflejando en el hacer del equipo.

PALABRAS CLAVE: Muerte; Grupo de atención al paciente; Servicio de urgencia en hospital.

*Artigo elaborado a partir do Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em Urgência, Emergência e Trauma da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUI.

¹Enfermeira assistencial do Hospital da Unimed de Ijuí/RS

²Enfermeira, Mestre em Enfermagem Psiquiátrica, docente do Departamento de Ciências da Saúde da Unijui.

³Enfermeira, Dra. em Gerontologia Biomédica, docente do Departamento de Ciências da Saúde da Unijui.

⁴Enfermeira, Mestre em Enfermagem Obstétrica, docente do Departamento de Ciências da Saúde da Unijui.

Autor correspondente:

Marinês Tambara Leite

Av. Independência, 3751 - 98300-000 - Palmeira das Missões-RS

E-mail: marinesl@unijui.edu.br

Recebido: 24/01/08

Aprovado: 29/05/08

INTRODUÇÃO

A morte é um tema polêmico que desperta uma série de questionamentos na sociedade. As correntes religiosas, bem como a filosofia, sempre procuraram explicar e entender a origem e o destino do homem. Assim, culturalmente, cada indivíduo traz uma representação do que é a morte⁽¹⁾. O tema morte inspirou poetas, artistas, músicos e todos os homens, de uma forma geral. Fazendo parte do desenvolvimento humano, ela sempre desafiou e também fascinou o ser humano, desde a infância até a velhice.

Em relação ao cerimonial, a morte foi tendo mudanças ao longo dos tempos, que representaram impacto sobre a sociedade. A partir do século XX, a morte, nas sociedades ocidentais, tornou-se um fato a ser vivido com discrição, transferindo seu local, dos lares para as instituições hospitalares, tecnologizando-a e dessacralizando-a. Esta foi uma forma que a sociedade produziu para se proteger de situações dolorosas, incluindo a morte, que podem abalar seu equilíbrio, já fragilizado em razão das constantes e rápidas transformações a que comumente se submete⁽²⁾.

Com a evolução da medicina e os avanços tecnológicos, o ser humano tem vivido mais tempo. As imunizações, exames diagnósticos mais precisos, produção de medicamentos e aprimoramento nos procedimentos cirúrgicos têm proporcionado excelentes e rápidas recuperações de pessoas portadoras das mais diversas doenças. Encontram-se nos hospitais equipamentos de alta tecnologia utilizados para manter o organismo do paciente em funcionamento e profissionais habilitados para manipulá-los, na tentativa de evitar ou postergar a morte. No entanto, se a tecnologia prolonga a vida dos doentes, por vezes, pode dilatar o processo de sofrimento, principalmente de doentes terminais, os quais, na maioria vezes, já experienciam o afastamento social e profissional em função de sua condição clínica.

Desta forma, em um cenário em que a vida é centralidade, especialmente na formação acadêmica de profissionais de saúde, a morte torna-se cada vez mais inaceitável e dolorosa. Cabe ressaltar, também, que seu impacto e seu significado possuem diferentes representações, variando de pessoa para pessoa⁽³⁾.

Quanto ao tema da morte em instituições hospitalares observa-se que um dos setores em que ela frequentemente ocorre é o de emergência, o qual tem como propósito prestar a cuidados especializados e imediatos para evitar a morte ou minimizar

complicações decorrentes de algum agravo⁽⁴⁾. Embora haja intervenções eficazes, o risco de morte ou a morte é constante, podendo desencadear diversos sentimentos em todas as pessoas envolvidas nesse contexto. Assim, os profissionais que trabalham neste setor vivenciam, diariamente, situações que exigem capacidade de lidar emocionalmente, já que o risco de morte pode estar presente no decorrer da intervenção que estão realizando.

Vindo ao encontro do que foi exposto, buscou-se na literatura o que tem sido publicado acerca das repercussões causadas na equipe de saúde que atua em unidade de emergência, na medida em que experienciam situações de morte. Portanto, este estudo tem por objetivo analisar artigos publicados *online* em periódicos nacionais, no período de 1985 a 2006, relativos às repercussões das situações de morte no setor de emergência vivenciados pela equipe de saúde que trabalha nesse local.

CAMINHO METODOLÓGICO

Este estudo constitui-se em uma revisão, utilizando o referencial da pesquisa bibliográfica, entendida como o ato de indagar e de buscar informações sobre determinado assunto, por meio de levantamento realizado em base de dados. A pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições de diversos autores sobre um tema. Nesse sentido, o primeiro passo para o desenvolvimento da pesquisa bibliográfica consiste na exploração das fontes documentais⁽⁵⁾.

Com este propósito efetuou-se uma revisão das publicações na área de saúde, disponíveis na Biblioteca Virtual Bireme, tendo sido consultadas as bases de dados Scientific Electronic Library Online (*SciELO*), Literatura Latino – Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (*Lilacs*), Base de Dados de Enfermagem (*BDEF*).

Os critérios para inclusão dos artigos foram: ser redigido em português; ter sido publicado entre os anos de 1985 a 2006, salientando que este recorte temporal foi operado devido ao fato de que em 1985 o Ministério da Saúde estabeleceu a divisão das unidades de emergência em: pronto atendimento, pronto socorro e emergência; e estar disponível *online*. Assim, trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses e resumos foram excluídos do estudo.

Para a identificação dos artigos foram utilizadas as expressões *equipe*, *equipe de saúde*, *equipe de enfermagem*, *morte*, *serviços hospitalares de*

emergência, atitude frente à morte, emergência e urgência, luto, as quais poderiam estar contidas no título ou no resumo.

Foram encontrados 10 artigos que tratavam de aspectos relativos à morte. Todo o acervo foi lido e caracterizado segundo o autor, o ano de publicação, o local de desenvolvimento do estudo, o tipo de estudo, a amostra, o tema estudado e os resultados encontrados. Do total de artigos selecionados, somente dois abordam a questão da morte em unidades de emergência, apontando reflexos desta situação na equipe de saúde, constituindo-se no material de análise deste estudo.

Os artigos foram analisados seguindo a proposta

de análise temática, sendo inicialmente procedida a leitura fluante de todo acervo, a identificação dos eixos temáticos e aferidos seus respectivos núcleos de sentido⁽⁶⁾.

ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após leitura exaustiva dos artigos selecionados agruparam-se os assuntos em um tema, considerando o material de estudo, o qual explana sobre a morte em setor de emergência e seus reflexos na equipe de saúde que atua neste espaço. O quadro 1 mostra as informações relativas aos artigos selecionados.

Quadro 1 - Classificação do acervo selecionado, segundo autor, ano de publicação, design do estudo, amostra, tema e resultados, Ijuí/RS, 2007

Autor	Tema	Design do Estudo	Amostra	Local	Resultados
L. Hoffman, (1993).	O enfrentamento da morte pela equipe médica	Investigação qualitativa	O estudo inclui quatro grupos de médicos: médicos de serviço de emergência, médicos do CTI, médicos oncologistas e médicos homeopatas que possuem vivência com pacientes terminais.	Não está descrito no texto.	O estudo concluiu que entre os médicos, a questão da morte nada mais é que a derivação de uma questão da Filosofia e das concepções de vida e de morte em nossa cultura. A partir dos depoimentos dos médicos entrevistados, evidenciou-se a dificuldade em lidar com a morte e com o processo de morrer dos pacientes, dificuldade esta exacerbada pela falta de discussão decorrente da omissão das escolas médicas frente a este questionamento. O trabalho aponta a importância desta discussão na formação desse profissional.
Y. R. C. Tacsí; D. M.S. Vendruscolo (2004).	A morte na Emergência pediátrica.	Qualitativa de caráter descritivo e exploratório.	Participaram do estudo oito enfermeiras.	Atendimento Pediátrico da Unidade de Emergência de um hospital de ensino público, num município do interior do Estado de São Paulo.	Discute a assistência à criança, admitindo e avaliando-a, a assistência a ela e a sua família e a capacitação para o atendimento. A atuação da enfermeira exige conhecimento, capacitação técnica, habilidade e agilidade na tomada de decisões; também, trabalho em equipe, segurança, calma, empatia e racionalidade, para atender à criança e a sua família numa situação de emergência.

Conforme pode ser identificado no Quadro 1, os artigos trazem à tona na temática estudada o

envolvimento dos profissionais médicos e enfermeiros diante de uma situação de morte no serviço de

emergência. Ambos os estudos são de caráter qualitativo e seus resultados mostram a relevância de desenvolver essa temática na formação destes profissionais.

No cenário das emergências a morte torna-se familiar pela repetição e pelo hábito, constituindo-se numa fonte de desgaste emocional para profissionais de saúde. O questionamento que, freqüentemente, abre as discussões deste espaço situa-se em torno das decisões que, na maioria das vezes, o médico tem de tomar em relação à vida das pessoas sob seus cuidados. Muitas vezes, cria-se um verdadeiro dilema, decorrente do surgimento de um incrível arsenal tecnológico para o enfrentamento da morte, obrigando os profissionais a um questionamento ético e ideológico sobre a sobrevivência⁽⁷⁾.

Neste sentido, considera-se que, por mais freqüentes que sejam as situações de morte vivenciadas por profissionais no setor de emergência, observam-se dificuldades, não apenas em aceitar, mas em como atuar nessa circunstância. Cada experiência é nova e única, adquire uma representação exclusiva por mais que as atividades e rotinas sejam freqüentes e repetidas, cada momento requer reflexão. Todo paciente que chega ao setor de emergência com risco de morte não é apenas mais um atendimento, mas sim, um indivíduo com sua história, sua cultura e características próprias que devem ser valorizadas e respeitadas.

Emerge no estudo de Hoffmann⁽⁷⁾ a questão da formação do médico, reiterando que, apesar da proximidade com a realidade da morte em sua prática cotidiana, os médicos efetivamente não são preparados para esta vivência. Os resultados apontam falha curricular, em que a abordagem é voltada para a doença e para a cura. Além disso, revela a importância da presença desta discussão na formação médica, bem como na formação de enfermeiros e demais membros da equipe de saúde. Evidencia, do mesmo modo, a relevância no conhecimento dos sentimentos envolvidos no contato com pacientes terminais e sua abordagem.

Concorda-se que a discussão da morte e do processo de morrer é relevante não somente a formação médica, mas também para todos os profissionais que trabalham na área de saúde. Em se tratando da formação do enfermeiro a questão da morte gera ansiedade e medo nos futuros profissionais. Além disso, o número de pesquisas e publicações sobre este tema na área da enfermagem ainda é reduzido e, da mesma forma, não se tem uma metodologia de ensino definida como a mais apropriada para a educação em saúde com foco nessa temática⁽⁸⁾

Dando continuidade à análise, Tacsí e Vendruscolo⁽⁹⁾ trazem aspectos da morte em pediatria, considerando-os complexos para a maioria dos profissionais da área de saúde. Nas situações emergenciais, a criança comumente necessita de atenção especial, dada as suas peculiaridades biológicas, sociais e psicológicas desse grupo populacional. Este contingente de pessoas está sujeito aos agravos decorrentes das doenças prevalentes na infância e de acidentes comuns nesta faixa etária, necessitando de recursos materiais e humanos especializados para o atendimento emergencial, amenizando, desta forma, questões mais graves ou diminuindo o risco de morte.

Na década de 80 foi padronizado o atendimento pediátrico e neonatal para ressuscitação cardiopulmonar (RCP) denominado Suporte Básico de Vida e Suporte Avançado de Vida Pediátrico. Esta modalidade foi introduzida no Brasil, a partir de 1998, priorizando a capacitação do profissional médico e, posteriormente, dos profissionais de enfermagem. Nesta perspectiva, na sala de emergência, exigem-se do enfermeiro conhecimento, capacitação e rapidez para a tomada de decisões pertinentes ao diagnóstico, para com um único paciente ou com um grande número de vítimas, desempenhando o papel de mediador da assistência na sala de emergência e permitindo diminuir o risco de morte⁽⁹⁾.

Dessa forma, torna-se fundamental a capacitação contínua da equipe que atua em instituições de saúde, em especial, na área de emergência, o que pode ocorrer por meio de palestras, cursos de qualificações, educação continuada. É importante salientar que uma equipe habilitada intervém com mais qualidade no atendimento do sujeito que acessa o setor de emergência.

O setor de emergência é a porta de entrada para receber crianças em risco de perder a vida e, dessa forma, a assistência a este grupo deve ser prevista e planejada, para qualquer atendimento emergencial. A maioria das pessoas que atua neste setor assume uma dificuldade maior em relação à morte de crianças. Isso traduz a representação dominante, a idéia de que a morte na infância é vida frustrada, é vida desprovida de sentido⁽⁹⁾.

Ao se deparar com a morte da criança, é o momento no qual a equipe de saúde percebe que, em muitas situações, apesar de todo o investimento empregado, a criança não sobreviveu. As experiências que colocam a equipe diante da morte da criança são

permeadas de muitas surpresas e dúvidas, acarretando medo e insegurança. Rever os próprios sentimentos e o conceito de morte é a estratégia que o profissional pode utilizar nesse momento e que lhe trará maior segurança no futuro⁽¹⁰⁾.

Os profissionais de saúde são preparados para cuidar e preservar a vida, por conseguinte, a morte representa, em vários momentos, sentimento de fracasso, inabilidade e, até mesmo, incapacidade, embora esta faça parte do processo de viver. Quando se trata da morte de criança, tais sentimentos se acentuam ainda mais, o sofrimento se agrava e a morte pode ser percebida como uma injustiça.

Tal concepção é decorrente do próprio sentido que, na cultura ocidental, se dá à vida. Sendo o homem visto como um meio de produção e consumo, a morte de uma criança interrompe uma perspectiva de futuro. A morte na infância é entendida como precoce, porque se considera que a idade de morrer é a da velhice. A criança nasce e se desenvolve para chegar à idade adulta, ficar velho e morrer⁽⁷⁾.

Além do sofrimento experienciado pelo paciente em uma situação de emergência, não se deve esquecer a carga emocional, a ansiedade e a dor dos familiares. Tacci e Vendruscolo⁽⁹⁾ abordam sobre a importância do cuidado às famílias no setor de emergência, indicando a necessidade de que estas sejam informadas sobre condição do seu familiar no intuito do alívio da angústia vivenciada. Toda a equipe, em especial o enfermeiro, deve possuir sensibilidade para lidar com os familiares, demonstrando capacidade comunicativa adequada a cada situação e proporcionando conforto físico e espiritual. A atuação do enfermeiro no setor de emergência, especialmente quando este vivencia o risco de morte, implica em organização, seqüência lógica das ações emergenciais e delegação de funções para que cada membro da equipe atue de forma sincrônica, particularmente na realização de procedimentos que visam à manutenção da vida.

Em se tratando das repercussões quando de uma ocorrência de morte em unidade emergência, muitas vivências podem ser experimentadas pela equipe. A questão da morte de crianças desencadeia sofrimento emocional e aflição na equipe e nos pais. Estes fatos geram tensão e angústia no ambiente de atendimento, refletindo negativamente na atuação da equipe de emergência, podendo levá-la a experimentar sensação de perda, desânimo, depressão, impotência, frustração e tristeza, interferindo na atenção à criança e à família. Nesse contexto, a equipe desenvolve mecanismos e

estratégias que facilitem a sua atuação⁽⁹⁾.

Nesse sentido, a morte de uma criança representa mais que uma perda, é considerada um roubo, furto de um ambiente familiar. Então, quando uma criança com risco de morte é atendida em uma sala de emergência, a situação não é aceita naturalmente, uma vez que a consideram de modo diferenciado daquele vivenciado quando da intervenção junto a um adulto na mesma condição⁽⁷⁾.

Em estudo realizado com enfermeiros e suas equipes há o relato de como estes enfrentam a morte no seu cotidiano em um setor de emergência, pontuando sentimentos de vazio, impotência e angústia quando não conseguem reanimar um paciente. No entanto, quando obtém êxito em uma intervenção, isto se torna em um mote propulsor para dar continuidade no trabalho desenvolvido nesse espaço⁽⁸⁾.

Ainda, destacando os reflexos da vivência de profissionais de enfermagem com a morte de crianças em situações de emergência, surge a questão do luto vivenciado pela equipe de enfermagem diante do processo do morrer de crianças e adolescentes hospitalizados. O cuidar de criança e adolescente em iminência de morte provoca inúmeras reações nos profissionais da área de saúde, principalmente pelo caráter humano desse trabalho, em que o envolvimento afetivo com as pessoas assistidas é inevitável⁽¹¹⁾.

No tocante a questão em que os profissionais de saúde, cotidianamente, convivem com a doença, o sofrimento e a morte, há maneiras peculiares de enfrentar tal prenúncio. A morte de crianças e sua repercussão na equipe de saúde, especificamente na área do câncer infantil, produz uma espécie de afastamento da vida: a morte invade todos os espaços e sua presença implícita ou explícita deflagra angústias difusas e paralisantes⁽¹²⁾. Nesse cenário, o profissional deve manter uma relação autêntica com o indivíduo assistido e seus familiares, pois o envolvimento é vital na relação terapêutica, uma vez que promove empatia e permite que se conheça melhor o paciente e atenda suas necessidades, sem prejuízo na sua atuação⁽¹¹⁾.

Apesar da dor e sofrimento que, por vezes, envolvem a intervenção da equipe em setor de emergência, foi identificado, nas publicações, aspectos relativos à satisfação com o trabalho da equipe neste local, entendendo que uma de suas fontes consiste no fato de que as intervenções auxiliam na manutenção da vida humana⁽⁹⁾. Sabe-se que é por meio do trabalho que o homem se realiza, gera um círculo de amizade e influências, modificando, deste modo, a sua história.

Assim, como o trabalho contribui na realização da vida profissional das pessoas, contudo também pode ser fonte de insatisfação, aflição, principalmente quando a situação foge do seu domínio⁽¹³⁾ como em algumas intervenções em setor de emergência, em especial quando a morte ocorre.

Finalizando, no setor de emergência, o fluxo de usuários é intenso, trabalha-se com a doença, a dor, a morte e o imprevisível, somando-se a angústia e a ansiedade do sujeito que acessa o local e sua família, o que impõe, muitas vezes, à equipe uma postura de alerta constante devido à dinâmica desse setor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar sobre a morte é sempre um tema que abarca um enorme contexto e várias polêmicas. Embora presente direta ou indiretamente em algum momento da vida de todo ser humano, é uma questão difícil de ser discutida, principalmente na cultura ocidental. Parece que as pessoas são condicionadas a não aceitar a morte como uma etapa natural da vida. O confronto com a morte é um desafio para os profissionais da área de saúde, que a enfrentam em diferentes momentos, embora sejam preparados para manter a vida.

A literatura analisada aponta que os profissionais atuantes em emergências descrevem situações em que a morte está presente, permeadas por sentimentos de angústia, medo, insegurança, entre outros. Quando a morte se concretiza, a equipe comumente é assolada por frustrações, limitações e sentimento de impotência. Nesse contexto, percebe-se que há carência de qualificação dos trabalhadores que atuam em setores de emergência para lidar com estas experiências.

Com relação às repercussões da morte no setor de emergência, cabe ressaltar que os artigos analisados pontuam com ênfase a morte de crianças nesse espaço e em outras unidades hospitalares, o que ocasiona sofrimento, angústia e estresse na equipe. Discutem, ainda, a importância de trazer o tema morte já no processo de formação acadêmica. Além disso, identificou-se outros tópicos relevantes como a presença de estresse na equipe da emergência, em função da convivência e da rotina desse setor que, freqüentemente, lida com situações de morte.

A escassez de trabalhos publicados sobre a morte na emergência e seus reflexos nos profissionais de saúde, permite questionar se essa condição se deve ao fato de que o tema não impacta interesse nos estudiosos e profissionais em estudar e publicar sobre

o assunto? Será que é porque o tema morte tem reflexo na subjetividade de cada indivíduo, entre eles os trabalhadores da área de saúde? Para dar respostas a estas questões, entende-se que é necessário o desenvolvimento de novas pesquisas que possam subsidiar uma discussão mais ampla e consistente relativa a essa temática.

REFERÊNCIAS

1. Kovacs MJ. Morte e desenvolvimento. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1992.
2. Ariès P. O homem diante da morte. 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves; 1989.
3. Bromberg MHPF. A psicoterapia em situações de perdas e luto. São Paulo: Livro Aberto; 2000.
4. Rodrigues MJ. Emergências. Coleção Guias Práticos de Emergência. Rio de Janeiro: Brasil; 2001.
5. Gil AC. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas; 1995.
6. Minayo MCS. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 22ª ed. Rio de Janeiro: Vozes; 2003.
7. Hoffmann L. A morte na infância e sua representação para o médico - reflexões sobre a prática pediátrica em diferentes contextos. Cad Saúde Públ [periódico na internet]. 1993 [acesso em 2007 Jan 21]9(3):364-74. Disponível em www.scielo.br.
8. Castro MT. Diante da Morte: Uma análise compreensiva do cotidiano das enfermeiras e suas equipes em unidade de emergência [dissertação]. Rio de Janeiro (RJ): Escola de Enfermagem Ana Nery. Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2000.
9. Tacci YRC, Vendrusculo DMS. A assistência de enfermagem no serviço de emergência pediátrica. Rev Latino-Am Enferm. 2004;12(3):477-84.
10. Poles K, Bousso RS. Compartilhando o processo de morte com a família: a experiência da enfermeira na UTI pediátrica. Rev Latino-Am Enferm. 2006;14(2):207-13
11. Costa JC, Lima RAG. Luto da equipe: revelações dos profissionais de enfermagem sobre o cuidado à criança/adolescente no processo de morte e morrer. Rev Latino-Am Enferm. 2005;13(2):151-7.
12. Françoso LPC. Reflexões sobre o preparo do enfermeiro na área de oncologia pediátrica. Rev Latino-Am Enferm. 1996;4(3):41-8.
13. Albornoz S. O que é trabalho. 5ª ed., São Paulo: Brasiliense; 1992.